



## Poesia e Utopia em Moacyr Félix

Luis Carlos Lima\*

### 1- Poesia e Utopia

a Kaj, companheira do poeta, a sua memória

"Não poderia haver caminho se não houvesse o caminhante" – com essas palavras de Ernst Bloch, o filósofo da utopia, começamos nossa aproximação à poesia de Moacyr Félix.

São 50 anos de atividade poética desde o primeiro livro *Cubo de Trevas*, até *Introdução a Escombros*, em 1998. O caminho e o caminhante dialeticamente fizeram-se um e o mesmo na múltipla dimensão de um sujeito lírico que se fez humanamente coletivo, como já ressaltava Alceu Amoroso Lima sobre *Um Poeta na Cidade e no Tempo*:

Os poemas de Moacyr Félix representam um dos pontos mais altos, em nossa poesia moderna, dessa aproximação profunda da poesia com o problema social e revolucionário, que Carlos Drummond por um momento tocou na sua *Rosa do Povo*. Moacyr Félix agora se consagra. Marca uma atitude coletiva, mostrando a poesia não como divertimento ou nostalgia ou omissão ou malabarismo verbal, mas como participação profunda no sofrimento humano. Na luta contra os tiranos. Na revolta contra todas as alienações.

Esses 50 anos de atividade poética, cumpre ressaltar, não se restringiram apenas à sua obra pessoal, mas se diversificaram nas várias revistas e antologias que organizou e editou, tais como a *Revista da Civilização Brasileira*, *Cadernos do Povo*, *Revista Paz e Terra*, *Encontros com a Civilização Brasileira*, *Violão de Rua*, *Poesia Viva*, e mais recentemente a belíssima antologia *41 Poetas do Rio*. Assim como também a leitura de poetas mais jovens e a crítica certa na hora de sele-

#### Resumo

O ensaio *Poesia e Utopia em Moacyr Félix* parte da relação dialética entre os próprios termos e a produção poética deste autor, que desempenhou, a nosso ver, uma importância capital na cultura e na poesia brasileira. Seja como poeta ou editor na *Editora Civilização Brasileira*, Moacyr esteve sempre no *front* do combate à ditadura. O ensaio procura fazer uma avaliação crítica da sua poesia, investigando as suas raízes poéticas e buscando relacioná-la com as diversas correntes da moderna poesia brasileira. O eixo do ensaio é a constatação de que há uma poética da utopia que atravessa subterraneamente as obras dos principais poetas da modernidade.

\* Doutor em Literatura Comparada pela UERJ, professor de Cultura Brasileira e Literatura Brasileira no Instituto de Letras/UERJ

cionar os poemas para publicação. Essa última característica fez sempre de Moacyr um dos poetas mais informados sobre a nova geração e um leitor ávido da poesia que se publicou de norte a sul do país. Não foram e não são poucos os poetas (entre os quais se inclui o autor destes apontamentos), que nos últimos 30 anos devem a Félix uma parte de sua trajetória e evolução poética. Convém aqui lembrar as palavras de Walter Benjamin: *"um escritor que não ensina nada a outros escritores não ensina nada a ninguém"*.

A poesia de Moacyr Félix acompanhou os últimos 50 anos da história brasileira e essa história entranhou-se nas vísceras de cada um dos seus poemas, a poesia ganhou em universalidade aproximando-se da história, a história apesar dos seus horrores fez-se poética na singularidade de cada verso. A paixão pela poesia como expressão da verdade do ser é a principal vocação desse poeta, que através da sua poesia sempre procurou, desesperadamente, dar resposta à afirmação de Adorno (afirmação que deveria estar sempre presente quando alguém se sentisse tentado a escrever um poema): *"A poesia é impossível após Auschwitz"*. É esta preocupação que faz com que sua poesia procure, permanentemente, resgatar o humano no homem, única forma de impedir que a barbárie tecnológica complete a sua obra de destruição no mundo contemporâneo. E na afirmação desse humanismo trágico ele nos diz:

Onde se destrói o mundo em que vivo aí estou.  
Onde há destruição, aí se define o meu caminho.  
Onde os deuses se desmoram é que apareço sem rosto atrás de suas formas feitas de noite e de medo.  
Onde se morre, onde se nasce.  
Onde se morre é que renasço.

É uma poesia voltada para a realidade do mundo sem, no entanto, deixar de perceber que o real concreto é a síntese de múltiplas determinações, por isso tem consciência da contradição dialética entre forma e conteúdo e nunca padeceu do déficit dos formalistas que se consagraram em procurar abrigo no mito isento de contradições da forma pura. E nos dá o seu testemunho:

Escrever um poema não é brincar  
de ser com palavras e sons  
sobre a brancura sem defesa  
do papel ou da vida que não foi vivida.  
No fundo dos becos sem saída  
é que o poema se encontra

lado a lado com as mortes  
inumeráveis e indefinidas  
na mão que o escreve.  
Morre e transforma-te!  
Não há outro caminho:  
o poema é sempre uma autópsia.

Moacyr Félix é herdeiro de uma das tradições mais ricas da poesia na literatura do ocidente. Essa tradição que alinha Blake, Shelley, Byron, Hölderlin, Victor Hugo, Baudelaire, Rimbaud, Walt Whitman; e que no século XIX lançou as bases da revolução poética da modernidade. Herdeiros desta tradição são também Breton, Éluard, Aragon, Péret, Tzara, Lorca, Hernandez, Maiakósvki, Brecht, Vallejo, Neruda e Nazim Hikmet, entre outros. Por esta relação já percebemos que o poeta anda em excelente companhia e sabe onde o leva a sua poesia. Como Breton que escrevia em 1924: *"Sabe-se hoje que a poesia deve levar a algum lugar. É sobre esta certeza que se funda o interesse que temos por Rimbaud"*. Rimbaud, que fundou toda a sua poesia na dimensão da utopia e que forneceu os elementos para essa nova poética através da sua própria vida e obra quando escreve *"É preciso ser absolutamente moderno!"*, *"É preciso mudar a vida"*, *"O amor tem que ser reinventado"*. Rimbaud, *"O poeta da Comunidade"*, que na sua obra elaborou o que definimos, em outro lugar, como sendo a poética da utopia, que fundamenta o que melhor produziu a tradição poética da modernidade.

No Brasil essa tradição procurou também ir além da poesia através da própria poesia, unindo a estética à ética, e fazendo o seu conteúdo de verdade ser a recusa em dar sentido a um mundo sem sentido. Entre os seus representantes podemos reunir Castro Alves, Augusto dos Anjos, Mário de Andrade, Oswald de Andrade, Drummond, Joaquim Cardozo, João Cabral, Paulo Mendes Campos, Ferreira Gullar, entre outros. Basta lembrar o Castro Alves abolicionista, a poesia da negatividade lutuosa de Augusto dos Anjos e a fatalidade do sarcasmo de Mário de Andrade na sua Ode ao Burguês:

Eu insulto o burguês! O burguês níquel,  
O burguês-burguês!  
A digestão bem feita de São Paulo!  
O homem-curva! O homem-nádegas!  
Eu insulto as aristocracias cautelosas!  
Ódio vermelho! Ódio fecundo!  
Ódio cíclico! Ódio fundamento, sem perdão!

E ainda Mário, no seu testamento poético *A Meditação sobre o Tietê*:

Porque os homens não me escutam!  
 Por que os governadores  
 Não me escutam? Por que não me escutam  
 Os plutocratas e todos os que são chefes e são fezes?  
 Todos os donos da vida?  
 Eu lhes daria o impossível e lhes daria o segredo,  
 Eu lhes dava tudo aquilo que fica pra cá do grito  
 Metálico dos números, e tudo  
 O que está além da insinuação cruenta da posse.

Esta tradição acentua-se mais ainda no explosivo Drummond do *Sentimento do Mundo*:

Aceitas a chuva, a guerra, o desemprego e a injusta distribuição  
 porque não podes, sozinho, dinamitar a ilha de Manhattan  
 (...)

E Moacyr Félix junta-se a eles, com um lirismo desesperado nesta época de reificação total, pois o conteúdo de verdade de sua poesia está em relação direta e significativa com o seu conteúdo utópico. Assim, a sua poesia torna-se o espelho de uma unidade dialética entre verdade e utopia, que traduz uma tensão permanente na busca da verdade não-reconciliada num mundo reconciliado com a não-verdade da vida mutilada. Dessa forma resta apenas ao poeta ser a síntese utópica da negatividade neste mundo da culpabilidade absoluta onde a subjetividade permanece condenada à alienação. E o poeta escreve:

Vim para quebrar os relógios deste tempo que dá voltas sempre  
 Sobre ele mesmo, sempre com a mesma areia a redemoinhar-se  
 Entre portas giratórias que se abrem e que se fecham para o oco da existência.  
 Vim para inventar trajetórias que nunca existiram a não ser na medida que me despedaçam.  
 Vim sob o escuro cadáver de Deus a transformar-se em montanhas de som dentro do que parece ser o meu silêncio.  
 Essa literatura aos pés dos poderosos, nem como adubo serve!

O que denominamos como poética da utopia tem como base conceitual a obra de Ernst Bloch, Walter Benjamin e Theodor Adorno. Do primeiro podemos ressaltar três categorias do "Princípio Esperança": o Pré-Aparecer, o Ainda

Não-Ser e a Consciência Antecipadora. De Benjamin principalmente as *18 Teses sobre a Filosofia da História* e o caráter anatrético e alegórico do seu discurso filosófico. De Adorno, a metacrítica da *Teoria Estética* e a dimensão paratática da *Dialética Negativa*. A interação dessa tríade de dialetas do século XX no que eles têm de mais pregnante nas suas obras, configuram para nós o fundamento determinante à potencialidade dialética da possibilidade objetiva de um logos, uma lógica e uma estratégia da utopia.

Se a história como desesperadamente afirmou Benjamin é escrita pelos vencedores, ela se torna portanto o discurso da dominação e da legitimação do poder. Neste caso, só resta à arte, e à poesia em particular, ser a expressão do que está fora da história, ou seja, ser a voz dos derrotados, dos que excluídos, estão fora da história. Se a história só tem lugar para os vencedores como lugar do poder, então a poesia tem que ser o *outopos* (negação do lugar) e afirmar o lugar-outro na sua dimensão utópica em memória de todo o sofrimento acumulado. Por isso o poeta coloca a voz solidária do seu canto:

No lixo da praça os ossos do mundo  
 brilham como luas doentes.  
 No lixo da praça o poeta  
 quer ser apenas um homem  
 com uma canção nos gatilhos  
 de uma revolução necessária.  
 No lixo da praça os ossos do mundo  
 brilham como luas doentes  
 à espera da poesia, cadela  
 feroz e machucada, cadela  
 que ao poeta se amarra (...)

Nós sabemos que a cotação do socialismo hoje está em baixa. Os especialistas da inteligência de mercado, como coveiros que são, saúdam o fim do socialismo. Mas a poesia de Moacyr Félix, a contrapelo, move-se ainda no limite das promessas de felicidade de uma razão que sabe que a história não é uma rua de mão única, e que a utopia sinaliza o futuro no presente que ainda não é. A sua poesia parece dizer, como Júlio Cortázar, "salvarse solo no es salvarse". E o poeta tem consciência que neste mundo do capitalismo da antropofagia neoliberal só é permitido ao homem encerrar-se no labirinto da sua própria solidão ou negociar uma felicidade de segunda mão. Por isso, recusa instalar-se no deserto da

consciência passiva e do luto organizado proposto pela tropa de choque dos teóricos do capitalismo tardio, e adverte:

É preciso ser radical como este ódio  
em que sou todo uma porção de gomos de amor.  
Radical como a pá do lixeiro  
sobre a infância naufragada nestas ruas  
em que encontro amigos e inimigos,  
gente em cujos rastros viva danado o meu poema.  
Radical como o silêncio nas prisões  
em que Nazim e Miguel Hernandez desenhavam  
o céu para as estrelas que morriam  
no ar em que eles aprendiam cada vez mais a  
imensidão.

O poeta sabe o escândalo que é a poesia que se isenta do desespero e do sofrimento dos homens. E que nestes tempos a derrota da subjetividade configura a nossa impotência diante da barbárie. Por isso tem consciência de que só cabe à beleza ser a negação da ditadura do mercado, onde apenas se vende a contrafação do seu sentido verdadeiro. E o poema tem que ser a síntese não-tautológica destas múltiplas contradições:

O poeta não tem razões para ter orgulho:  
seu impulso é todo ele feito de esperas  
sob uma não-ação que o transforma  
em esperanças desesperadas  
a bater em portas que não abrem.  
O poeta é o homem que exhibe a sua muleta  
ou o coração dos seres que lhe faltam...

Em nome do combate dessas “esperanças desesperadas” podemos dizer que a poesia de Moacyr Félix lembra a frase de Eric Hobsbawm sobre o colapso do socialismo na União Soviética: “O principal efeito de 1989 é que os ricos param, por enquanto, de ter medo”. Portanto, só resta à poesia, em nome da verdadeira vida, ser a arte do desespero da verdade na miséria de um mundo desumanamente sem sentido, e ao poeta vestir o desespero aceso da esperança.

## 2 - A Reinvenção da Utopia

“Suponhamos que o homem seja homem e que sua relação com o mundo seja humana; então, só podemos trocar amor por amor, confiança por confiança”. Colocados no justo lugar a que esta frase de Marx nos conduz, estamos agora preparados para situar a poesia de Moacyr Félix. A sua trajetória como poeta jamais se afastou daquele prin-

cípio defendido por Walter Benjamin: “Quem não é capaz de tomar partido deve calar-se”.

A poesia é assumida como utopia por este poeta e ele se tornou extensivamente o conteúdo de verdade que exprime através tanto de sua obra como da sua vida. Moacyr Félix é um militante da utopia, com isso queremos dizer que há em sua obra um princípio ético-político, que o homem pode e deve superar os limites da barbárie do capitalismo tecnológico e construir, e também viver, numa sociedade mais justa, livre da miséria e de um mundo cada vez mais absurdo na sua desumanidade.

A maioria dos críticos que já investigaram a poética de Moacyr Félix ressaltou este princípio. Antonio Candido sublinhou o caráter de poesia-ação de sua obra, e que ele “é um poeta que deseja intervir na vida, porque como sugere um poema do seu livro *O Pão e o Vinho*, se os deuses podem abismar-se na meditação, ao homem só é dado agir”. Essa mundidade é para Nelson Werneck Sodré o que marca o poeta, “não houve episódio que não encontrasse eco na apurada sensibilidade do poeta”. Já o poeta e crítico Ivan Junqueira da mesma forma afirmava a universalidade de sua poesia “é esse voluntarismo cósmico, esse movimento que se opera sempre “em nome da vida”, que fazem de Moacyr Félix um poeta único em nossa literatura de participação social e, a rigor, em toda a literatura que aqui se escreveu na segunda metade do século”. Mas, no que foi talvez, a mais densa aproximação dessa poesia até agora, José Paulo Netto em *Sobre uma Dialética do Desespero* escreveu: “O desespero não interdita a esperança. Entre o ceticismo, equalizador do diferente, e a atitude dogmática, nutriz do otimismo irresponsável que se alterna com o pessimismo catatônico, o desespero instaura um horizonte que é sustentado pela esperança. Por isto, aliás, Benjamin escreveu um dia que ela só nos é dada pelos desesperados”.

Toda a poesia de Moacyr Félix é um esforço por encontrar as palavras certas que possam dar significado à dor dialética de subverter a impossibilidade na possibilidade de superar o sofrimento dos homens. Essa é a palavra do poeta, por isso toda a poesia em todos os tempos foi sempre um imperativo ontológico. Esse é o sentido verdadeiro da poesia ser a configuração do ontos-utopos por excelência, e o que fica bastante claro neste outro poema:

O poeta é, tem que ser, um destruidor de destinos.  
 O poeta é, tem que ser, um destruidor de mitos.  
 O poeta é, tem que ser, um destruidor de certezas  
 porque ele traz o salto e não a pausa  
 porque ele traz a luta e não a trégua  
 nesta floresta de vidas e coisas transformadas  
 em isca para a fome dos tigres amestrados  
 do homem que tem dinheiro e compra  
 o poder de usar a humanidade inteira  
 de outro homem, de todos os outros homens.  
 Entre a escuridão das vozes e o soterrado azul  
 a poesia nada entre os pedaços do mundo/nau-  
 fragado...

Há neste *Singular Plural* de Moacyr Félix uma fome que nos consome a todos nós brasileiros eticamente corretos: a fome de utopia. Essa é a fome mais pregnant de toda a cultura brasileira. Já estava presente no dialeto da senzala que gerou Zumbi dos Palmares; já estava no sonho mineral da utopia das letras em Minas Gerais; já estava na utopia da terra em Canudos do Conselheiro e Euclides da Cunha – e depois explodiria na revolução cultural da utopia modernista de Mário e Oswald de Andrade. Mas também estava no Cavaleiro da Esperança, em Marighela e em Lamarca; e também em Caio Prado Jr., em Sérgio Buarque e na consciência isebiana de Álvaro Vieira Pinto, Nelson Werneck Sodré, Roland Corbisier. E está na nossa melhor crítica de Antonio Candido e Roberto Schwarz. Está sempre presente na mais alta poesia de Drummond e de Gullar, e também no *Tem Gente Com Fome* desse extraordinário poeta e guerrilheiro cultural que foi Solano Trindade; presente na fome de absoluto do Cinema Novo de Glauber Rocha, Joaquim Pedro e Leon Hirszmann; na utopia cultural do MCP e dos CPCs; na nova objetividade de Antonio Dias, Rubem Gerchman, no bestiário apocalíptico de Darcílio Lima, na dionisíaca pintura nietzschiana de Edson Dantas; na devoração coletiva do Teatro Oficina de Zé Celso e Renato Borghi; na música de Chico, Caetano e Milton, que iam prá rua beber a tempestade; está na poesia viva de Afonso Henriques com sua *Avenida Eros*, no *Mais dia Menos Dia* de Angela Melim, no *Agente Infiltrado* de Jorge Wanderley, na *Vertigem dos Argumentos Invisíveis* de Leonardo Fróes, nas *Folias Metafísicas* de Geraldo Carneiro, na androginia surrealista do *Abra os Olhos & Diga Ah* de Roberto Piva, nos *Atabaques* utópicos de Éle Semog, no *Beijo da*

*Fera* de Salgado Maranhão, na *Vastafala* de Antonio Barreto e na *Kalusha* de Bruno Cattoni, e tantos outros.

Este *Singular Plural* de Moacyr Félix é um livro poeticamente faminto, por ser uma síntese de todas essas múltiplas fomes utópicas que formaram e formam este país. E nada melhor que um poeta como Moacyr Félix, para atualizar a necessidade ontológica de utopia neste nosso início do século 21.

### 3 - Introdução a Umo Poético dos Escambros

Este livro na sua verdade nos diz que estamos vivendo no limiar do tempo, no limite do tempo, na linha de passagem, no clímax para um novo tempo. Tempo novo que jaz nos destroços do velho tempo. Assim como Abadon é o anjo do Abismo, há também o anjo das ruínas que é o anjo da Melancolia, é ele que infiltra essa luz nos olhos dos poetas e faz com que eles nos dêem o seu testemunho sobre o trágico do tempo:

Aconteceu a aurora. E um deus trabalhou. Na sua forja - não sei se era amor, não sei se era dor, nunca soube o que era - cavalos de fogo foram atrelados aos carros do Tempo. Os olhos dos cavalos de fogo - terríveis! - eram azuis, no entanto, como o primeiro sorriso.

O poema fala no chão da terra e rasga o ventre das luas que engravidam o tempo da sua única possibilidade que é o futuro. Nas caixas do tempo o poeta fala:

Ah Afinal, o que resta de nossas vidas  
 é a vida,  
 inconformada substância que nos veicula.  
 Sobre a mesa,  
 as vísceras da cidade.  
 Lúcida é a fome.  
 Nítido é o frio.  
 Ah, miséria! Ah, dor dos miseráveis!  
 Ah, coisa aleijada!  
 Ah, mundo! Ah, montão de vidas alugadas!

Certamente há desespero neste “*Introdução a Escambros*”, mas não é o desespero kierkegaardiano que mergulha nos abismos infinitos para alcançar Deus, encontrando, então, uma paz transcendental acima da existência humana. Não, o que existe neste livro é o desespero dos

que, como afirmava Benjamin, são capazes de nos ensinar a esperança. É o que se dá aqui, através de uma poesia que se faz dialética e mergulha no abismo da existência humana, para dele extrair não um transcendente vazio, mas uma transcendência a partir do próprio homem concreto, tornando-o mais e mais humano, recolocando-o na sua condição de homem-humano. A poesia de Moacyr Félix nos mostra através dessa dialética que o destino do homem é o próprio homem. Mesmo que o homem esteja mergulhado nesta selva selvaggia da luta de classes, ele comunga com a afirmação de Brecht que as contradições são as esperanças:

Isto não é um poema: isto é  
um palavrão, ou seja, o meu mundo  
jogado nas esquinas da história  
como um cadáver de criança  
sob as rodas de um ônibus  
desgovernado e bêbado  
dentro do tempo em que nosso dia se mede  
nos ponteiros feitos com os ossos  
de solidão, desamor e torturas.

O que nos interessa em Moacyr Félix é a afirmação constante e permanente, em sua poesia, do espírito da utopia, um dos fundamentos que deu origem à poética da modernidade. E que na busca de uma síntese entre poesia e dialética procura exprimir os caminhos de uma utopia concreta que estaria não no passado, mas no futuro do homem. É com essas armas que o poeta busca decifrar a desesperante máquina do mundo:

Ó seres imóveis pela mais estranha morte! Ó poças  
que ignoram o desabrochar das rosas e a sede das  
mãos em concha! Ó monstros de seda e de cristal! Ó  
mentira! Ó luxúria! Ó Mamom! Ó tu, único demônio!

Desmascarar a submissão, a reificação e o simulacro desse mundo no atual estágio do capitalismo, eis a força dessa lírica, onde o poeta nunca é apenas um espectador, e muito menos um cortesão das conjunturas, mas se quer testemunha da beleza da primeira manhã, do terror da noite última e da paz do sétimo dia. Neste livro que dá continuidade a obra poética de Moacyr Félix, mais uma vez ele se associa com o pensamento expresso por Marx nos "Manuscritos Econômico-Filosóficos", e que deve servir como uma espécie de bússola da utopia neste tempo de barbárie e miséria:

"O homem constrói também em conformidade com as leis da beleza".

### Referências Bibliográficas:

- ADORNO, Theodor. *Teoria Estética*, ed. Martins Fontes, São Paulo, 1982.
- \_\_\_\_\_. *Dialectique Negative*, ed. Payot, Paris, 1978.
- ANDRADE, Mário de. *Poesias Completas*, ed. Martins, São Paulo, 1974.
- BENJAMIN, Walter. *Obras Escolhidas*, ed. Brasiliense, São Paulo, 1985.
- BLOCH, Ernst. *Príncipe Espérance*, ed. Gallimard, Paris, 1991.
- BRETON, André. *Manifestes du Surréalisme*, ed. Pauvert, Paris, 1965.
- FÉLIX, Moacyr. *Singular Plural*, ed. Record, Rio de Janeiro, 1998.
- \_\_\_\_\_. *Introdução a Escombros*, ed. Record, Rio de Janeiro, 1998.
- \_\_\_\_\_. *41 Poetas do Rio*, ed. Funarte, Rio de Janeiro, 1998.
- MARX, Karl. *Manuscritos Econômico-Filosóficos de 1844*, ed. Sociales, Paris, 1990.
- NETTO, José Paulo. *Sobre uma Dialética do Desespero in Temas de Ciências Humanas*, ed. Lech, São Paulo, 1980.

### Resumé

Dans cet article, on étudie la poésie politique de Moacyr Félix, en établissant des rapports nécessaires entre l'art poétique et l'utopie dans la modernité. On conclut que sa poésie est un manifeste contre la conception capitaliste de l'existence et pour l'humanisation de la sociales.